



# A saga feminina de recomeçar no Brasil

As mulheres se tornam cada vez mais presentes no contingente de refugiados e migrantes que pedem abrigo no Brasil. Durante 30 dias, o **Correio** acompanhou a rotina de estrangeiras que frequentaram programa de qualificação da ONU

» MAYARA SOUTO

Mudar de vida, conseguir um emprego, fugir da miséria, da violência, do preconceito. São muitas as razões que levaram 710 mil refugiados e migrantes a pedir acolhida no Brasil. Nos últimos anos, esse contingente vem ganhando um rosto mais feminino. É cada vez maior o número de mulheres que se despedem de seu país natal para tentar a sorte no Brasil. Os dados, aos quais o **Correio** teve acesso, são referentes a 2023, foram compilados pela Agência da ONU para Refugiados (Acnur) e serão publicados em relatório.

Os últimos seis anos no Brasil foram marcados por um "processo de feminização" dos deslocamentos internacionais impulsionado por venezuelanas e haitianas. A conclusão é do relatório *OBMigra 10 anos: pesquisa, dados e contribuições para políticas públicas, de 2023*. O documento mostra um crescimento constante de mulheres refugiadas e migrantes no Brasil. Em 2011, 20 mil mulheres realizavam deslocamento internacional. Em 2022, esse fluxo chegou a 120 mil. Os últimos cinco anos foram os mais intensos, com um aumento de 200% — em 2017, eram menos de 40 mil mulheres em deslocamento internacional.

O estudo revela, ainda, que os pedidos de refúgio feitos por mulheres aumentaram de 10% (2013) para 45% (2022). E as solicitações de residência permanente no país, feitas por migrantes mulheres, também apresentaram acréscimo — de 34% (2013) para 43% (2022).

## Empoderamento

Durante um mês, o **Correio** acompanhou o cotidiano de refugiadas e migrantes em Brasília. Elas participaram do projeto Empoderando Refugiadas, que busca proporcionar autonomia financeira, por meio da qualificação profissional. A iniciativa também é promovida em Curitiba e

Boa Vista pela Acnur, pela ONU Mulheres e pelo Pacto Global da ONU no Brasil. Na capital federal, ela é implementada pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR).

A sala de aula é um intercâmbio de culturas. Estrangeiras provenientes de países como Venezuela, Haiti, Cuba, Costa do Marfim e Paquistão estudam técnicas de atendimento e vendas, curso oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Por diferentes caminhos, elas chegaram ao Brasil com o desejo de encontrar novas oportunidades de vida — e dignidade.

“Basicamente, (saí) pela ditadura que há no meu país. Está tudo mal. Não há comida, ou seja, nada. E tudo que tem é extremamente caro. Então, (a mulher) jamais vai poder ter nenhum empreendimento, nem trabalhar, nem nada. Ou você entra no governo e começa a trabalhar com eles, ou, sinceramente, você tem que ir embora”, desabafa a venezuelana Jennifer Navegas, 44 anos, sobre o motivo de deixar o país natal em 2016.

Com a redemocratização, o Brasil passou a ser mais receptivo a refugiados e migrantes. Em 1997, o país criou a Lei Brasileira de Refúgio. Outro importante marco de facilitação foi o Visto Humanitário, a partir de 2012. Em seguida, em 2014, o país liderou a criação de uma política para refugiados na América Latina.

“É uma legislação sempre muito elogiada nos fóruns internacionais. Uma lei que, por um lado, respeita a Convenção de 1951 da ONU, mas também incorpora outros instrumentos importantes regionais, como a Declaração de Cartagena. A questão da grave violação de direitos humanos ser enquadrada como refúgio, por exemplo, é algo que vem de Cartagena”, explica Paulo Sérgio de Almeida, oficial de Meios de Vida e Inclusão Econômica do Acnur.

Essa resolução foi essencial para lidar com a crise humanitária na Venezuela, que refletiu na saída de venezuelanos para procurar asilo, principalmente, em três países latinos: Brasil, Colômbia e Equador.

## Migrante ≠ Refugiado

A legislação brasileira garante que os dois grupos, que realizam deslocamento internacional, têm direito à educação, saúde e trabalho. Entenda a diferença entre eles abaixo



### Migrante

São pessoas que se deslocam internacionalmente em busca de melhores condições de vida, por fatores econômicos, educacionais, mas podem retornar em segurança ao seu país, se desejarem. O termo também pode ser utilizado para deslocamentos dentro do próprio país.

### Refugiado

São pessoas que saem de seus países de origem por medo de perseguição relacionada a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política, pertencimento a determinado grupo social, e também por grave violação de direitos humanos e violência generalizada no local.

Fonte: Agência da ONU para refugiados

Valdo Virgo/CB/D.A Press

Ed Alves/CB/DA.Press



Manise, Nádia, Jennifer e Hilda participaram do programa Empoderando Refugiadas: resiliência e esperança de um futuro melhor no Brasil

## Depoimento

### Hilda Guzmán, 67 anos, venezuelana

Ed Alves/CB/DA.Press



O medo de ver a netta sem leite nem fraldas, por causa da crise de abastecimento nos supermercados, levou Hilda Guzmán, 67 anos, a encorajar o filho e a nora grávida de 8 meses a saírem da Venezuela, em 2019. Um ano antes, junto com outro filho, ela deixou o país onde viveu por mais de seis décadas, em direção a um refúgio localizado em Boa Vista, Roraima. Hilda tem sete filhos.

“Saímos pela situação do país. A gente tinha dinheiro para comprar, mas não encontrava o que comprar. Era muito difícil. Não havia alimento, não tinha água quente, faltava luz todos os dias”, relembra a venezuelana, com lágrimas nos olhos.

Na época em que Hilda partiu, o país vizinho enfrentava graves problemas econômicos e humanitários com a hiperinflação, o desemprego, aumento da pobreza e da fome.

Sentindo uma dor que parece física, ela desabafa: “Foi muito duro”. No entanto, a opção pelo Brasil não traz arrependimento. Com uma energia impressionante e muita determinação, ela conta alegre sobre a experiência pela qual está passando.

“Para mim é algo novo,

diferente. Porque é uma nova vida que eu, como muitos, estamos tendo aqui no Brasil. É muito gratificante para nós essa nação, porque foi a que teve mais amor, mais empenho, mais receptividade. constatar isso

pelo que falamos com outros venezuelanos que estão em outros países”, conta Hilda.

Com quatro filhos e a mãe idosa ainda na Venezuela, Hilda preocupa-se com a situação da família, mas não pensa em voltar. “Voltar é uma loucura. Minhas filhas dizem para não voltar, tudo fica cada dia mais caro. Há de tudo agora, não como 2015, 2016, 2017 e 2018. Mas, tudo em dólar”, lamenta a venezuelana. Ela conta também que ajuda financeiramente uma das filhas que ficou, pois o salário é insuficiente para comprar itens essenciais.

Como acontece frequentemente com os migrantes, a família de Hilda mudou-se para o Norte brasileiro em busca de melhores condições financeiras. De lá, a venezuelana transferiu-se para São Sebastião, no Distrito Federal.

“Quem sai da sua nação a outro país tem que trabalhar. Porque se você não trabalhar nem em seu país, nem em outro, você vai ficar mal. Aqui tem trabalho. Em São Sebastião tem



**Quem sai da sua nação a outro país tem que trabalhar. Porque se você não trabalhar nem em seu país, nem em outro, você vai ficar mal!**

Hilda Guzmán, venezuelana

bastante trabalho de pedreiro e ajudante de pedreiro”, relata Hilda. Ela conta que o filho nunca havia trabalhado como pedreiro, ele era motorista no país de origem. “No início foi muito duro para ele, mas está ali trabalhando e, com isso, sobrevivendo com a sua família”, conta, orgulhosa.

Com a bagagem cheia de memórias, Hilda gosta muito de contar sobre os costumes de seu país: as comidas bem temperadas, o feijão sem caldo, os trajes brancos de aniversário das crianças e também as

diferentes técnicas de estética e beleza.

Desde que chegou ao Brasil, Hilda busca conseguir certificados brasileiros para atuar na área da beleza. “Já fiz cursos de cabeleireira, sobrancelhas, maquiagem profissional, sistema de informática, me falta fazer o de unhas aqui”, comenta.

“Sou uma mulher empoderada, com sete títulos (no Brasil). Sou agradecida a Deus por isso, porque a verdade é que, com 67 anos, tenho a capacidade de estudar e seguir em frente”, finaliza.